

Inventário Nacional de Referências Culturais (INRC) Serra do Cipó/Minas Gerais Transcrição de entrevista		
Entrevistado: Arlete Rita Nogueira	Data: 27/04/2011	Ocupação: Presidente da Fundação Municipal de Cultura, Esporte e Turismo Padre Messias - JABOTUR
Município: Jaboticatubas		Distrito: Sede
Equipe técnica Entrevista: Andréia Ribeiro Produção de vídeo: Ricardo S. G. Transcrição da entrevista: Aline Pinheiro Brettas		Duração: 50 minutos Mídia: Divx, arquivos em Mp4
Observação: as falas destacadas em itálico foram proferidas pela entrevistadora.		

- *Qual o seu nome?*
- Arlete Rita Nogueira.
- *Idade, Arlete?*
- 52 anos.
- *Endereço?*
- Rua Benedito Quintino, nº 35.
- *Sua profissão?*
- Eu sou Presidente da Fundação Municipal de Cultura, Esporte e Turismo Padre Messias, da JABOTUR.
- *E qual que é o seu envolvimento no meio cultural do município?*
- Olha, eu sou filha de Jaboticatubas, eu nasci aqui, me criei aqui, no meio rural, nasci na fazenda. Então desde muito nova, eu tenho contato com atividades culturais, principalmente mais relacionada ao campo, participei, frequentei, sempre me envolvi com as atividades culturais do município.
- *E quais as manifestações culturais, saberes e modos de fazer que existem no município de Jaboticatubas?*
- Olha, Jaboticatubas é um município que tem uma cultura popular muito rica diversificada. Então, se a gente for olhar o calendário anual, difícil mesmo que você não tenha uma atividade cultural forte, dentro do município. Então a gente começa no final do ano, e

automaticamente início do outro, que são as folias, folias de reis, que são vários grupos espalhados no interior de nosso município. Que é um município muito vasto em extensão territorial, nós temos 1.123 quilômetros de extensão territorial. Então dentro dessa área rural vasta, nós temos várias atividades culturais, então vários grupos de folias de reis. Depois você passa para o carnaval, que também é forte dentro do município, tem uma tradição forte que vem sofrendo suas mutações de acordo com o tempo, mas que também preserva a tradição de carnaval de interior. Entrando na quaresma, encomendação das almas, que é um grupo também bastante interessante; nós temos tradicional, que é realizado, muito místico, diferente, que é realizado nas segundas, quartas e sextas-feiras da quaresma. Também temos quatro grupos espalhados no município: que é o mais próximo aqui da sede, e comunidades rurais. Que são diferentes, a essência é a mesma, mas tem uma forma diferente, inclusive a vestimenta: eles se cobrem com manto roxo, outros com manto branco, outros só amarra um pano na cabeça. Então cada um tem uma forma específica, mas a busca é quase que a mesma e a essência também, da festa. Nós temos também a Festa do Rosário, a Festa do Divino, que são festas muito bonitas e tradicionais, com cortejo, com mais de 500 pessoas em cada cortejo, com os reis, rainhas, imperadores, damas, ministros, então com um séquito imperial. É uma festa realmente tradicional e muito bonita. No mês de junho, nós temos uma festa muito bonita que se destaca bastante, que é a Festa de São João, na comunidade quilombola do Mato do Tição, que é uma comunidade aliás que quase todos os eventos culturais do município, ou nascem de lá, ou partem de lá, ou tem alguém de lá envolvido. Uma comunidade muito ativa, que preserva as raízes da cultura que são muito forte, muito ligada à questão afro, que é do pessoal da comunidade do Mato do Tição. Então essa festa do Mato do Tição, inclusive ela já foi registrada como patrimônio imaterial do município. Então já fizemos o registro no ano passado, ela agrupa várias outras manifestações em uma só. Porque a reza, o passar na brasa, o ritual, o canto, tem dialeto africano. Essa coisa toda junta com o candombe, com o batuque, junto com as cantigas de roda, junto com essa fogueira; então é uma festa que, além de comemorar o São João, ela também ajunta os outros e têm todos os outros ingredientes numa festa típica, junina. Então a festa que chama a atenção, que marca o calendário de Jaboticatubas. Temos as outras folias, ao longo do ano, tem a Folia de São Sebastião, Folia de Santo Antônio, Folia de Nossa Senhora da Aparecida. Então são as várias folias do mês de junho, com as festas juninas riquíssimas, e também as festas de cunho religioso que são as festas que mexem com a comunidade. Quase todas, no nosso folclore, é muito ligada à religiosidade. Então as festas dos diversos santos nas comunidades, então cada fim de semana quase nós temos uma comunidade festejando o seu santo, com aquela parte de

procissões com levantamento de mastro, com novenas, com danças, com os forrós, com as músicas...que alegre e que contagie o município como um todo, que acho que a gente tem que tá preservando. Nós temos as quadrilhas, temos uma festa que hoje já integra o nosso coisa, que é a Exposição Agropecuária, que ela também tem os rodeios, essa festa mais de cunho ruralista, do pessoal mais da área que mexe com pecuária dentro do município e que envolve a cidade como um todo na hora que você traz, shows, é hora que valoriza os artistas da terra. Nós temos, como diz, o candombe, o batuque, reinado. Também, quê mais que aqui tem...

- *Então, esse grupo de reinado, ele é daqui da Serra ou de alguma comunidade rural?*

- Ó, o grupo de reinado, ele integra o município como um todo, nós temos integrantes de várias comunidades. Então o grupo, ele se divide em langas e catopês. Então os langas, eles são coordenados pela, quase todos, da comunidade do Mato do Tição. Mas mesmo assim têm elementos de outras comunidades. Os catopês são variados, de várias comunidades, se juntam, então fica um grupo do município em si. Não é específico de uma comunidade. Então assim, são vários outros grupos, que tenha essa integração: os grupos de capoeira, que não são de uma comunidade específica, mas que são do município como um todo.

- Qual é o nome dele? Raíz de Minas?

- É, um deles é. E têm vários outros grupos menores que integram Raíz de Minas. Então também é bastante interessante. E esses grupos também apresentam um modo de estar valorizando, enquanto a gente tem um encontro de folia. Mas no projeto que a gente tem de domingo na praça, então que é uma vez por mês, tem uma feirinha de artesanato, com comidas, pratos típicos, e apresentação de um artista e de um grupo de cultura popular, pra poder tá levando pra comunidade, tentando levar também para a criançada, para o pessoal no geral, porque não pode conhecer...quando está no interior, quando ele é restrito ao interior, a gente traz pra mostrar, pra valorizar, pra divulgar pras pessoas ajudarem nesta manutenção.

- *Até agora você ressaltou pra gente: os grupos de folia, alguns festejos, a guarda do congado...mas aí também têm as corporações musicais...?*

- Nós temos duas bandas de música no município. A da sede do município, a banda de música Nossa Senhora do Rosário, que é uma banda de música que tem 130 anos, então é uma banda realmente tradicional, uma banda que nunca teve interrupção, sempre existiu e vai existir ao longo dos anos. E a Lira Santa Cecília, que ela é da comunidade do distrito de São José do Almeida, que é uma banda mais nova. Mas nem por isso, nova, mas também não tão nova assim, tem mais de 30 anos também. Então são duas corporações musicais que nós temos aqui dentro do município, que são bastante importantes, participam, alegram as festas, participam das procissões, das alvoradas, aquelas dentro das festas tradicionais. Então às 04 horas da

manhã a banda acorda, acorda os festeiros, vai pra porta das igrejas pra levantar os mastros, pra acompanhar as procissões, acompanhar as coroações do mês de maio, que é um outro evento que a gente tem forte aqui, em todas as comunidades quase do interior ainda tem um coroar de Nossa Senhora no mês de maio, com as crianças vestidas de anjo, onde ainda tem o tradicional cartucho feito de amêndoas, que é uma das tradições também de Jaboticatubas. Essa distribuição do cartucho, tanto para os anjos no mês de maio, como para visitas ilustres que vêm pela primeira vez no município. Normalmente tem essa tradição de se presentear dando um doce, porque o doce alegra e traz as pessoas de fora, e faz com que elas tenham também boas lembranças, doces lembranças do município. Então são as tradições que têm dentro do município.

- *Tá, aí você mencionou pra gente em relação ao cartucho de amêndoas, que seriam um ofício e modo de fazer. Além do cartucho, há um outro ofício e modo de fazer preponderante, tradicional no município?*

- A rapadura, ela é bastante tradicional. O doce de leite que é, em toda casa que você vai tem um doce de leite com queijo. Queijo e doce de leite, a rapadura, o pé-de-moleque, que por causa da rapadura têm esses outros doces. Também são bem tradicionais dentro do município.

- *E os produtos artesanais, seriam os da culinária, mais...?*

- Nós temos a cachaça artesanal, um bem que é muito forte dentro do município, uma vez que nós temos quase 100 alambiques. Então é um resgate que a gente tá fazendo dessa tradição, dos engenhos e com a fábrica de rapadura e da cachaça, que é bem tradicional. O artesanato mais tradicional é o em bambu, e barro, que é um artesanato. Tanto as peneiras, balaies, que eram mais utilitários assim inicialmente e que agora vai ganhando um outra versão pra adequação de comércio atual. E fora isso, o básico é de reciclagens, as bonecas de cabaça, a parte tapeçaria, então nós temos também um artesanato bastante diversificado e bonito, que é valorizado, exposto principalmente nessa feirinha, que é realizada uma vez por mês na praça.

- *Aqui no município tem quatro comunidades quilombolas. Aí tem como você citar pra gente o nome das quatro, a localização aproximada pra gente situar elas dentro do município?*

- Olha, com o registro mesmo, reconhecida mesmo como comunidade, nós temos duas. Que é a comunidade quilombola do Mato do Tição, que foi a primeira a ser reconhecida, e que tá muito pertinho da sede, nós temos há quatro quilômetros daqui da sede do município. Temos uma também bastante conhecida, que é da comunidade do Açude, principalmente por ela estar ao pé da Serra do Cipó. Então ela tem uma referência muito grande, principalmente uma cultura muito grande no meio artístico, onde sempre tá presente quando quer dar um enfoque maior de cultura negra, sempre faz uma referência à comunidade do Açude. E temos outras

comunidades, porque são várias comunidades que estão em processo: que é a comunidade do Xiru, a comunidade do Espada. Espada e Xiru são bem próximas. Nós temos também ali, do Cardoso...são várias outros lugares que estão em processo, tá tendo uma influência muito forte, e várias comunidades estão em processo de reconhecimento enquanto comunidades quilombolas.

- *Dessas manifestações que você falou, na verdade em um apanhado geral, você poderia precisar pra gente desde quando elas existem na região, você saberia ou...?*

- Olha, a gente não tem um registro preciso da existência não. Por exemplo, esta festa que eu falei do Mato do Tição, do São João, eu vou dar uma referência por parentes meus. Meu avô morreu com 96 anos, já tem 30 anos que ele morreu, e ele contava que desde menino participava dessas manifestações. Então seguramente, muito mais de 100 anos essa festa tem. Eu, de criança, participava de festas dessa comunidade quilombola por tá bem próxima da fazenda dr meus pais. Então participava lá também, então meus pais já participaram, minha mãe já participava, então não se tem realmente a data precisa. A gente não tem, mas nós sabemos que são mais de 100 anos. A Festa do Rosário, do Divino também deve tá em torno disso, porque antes do município ser transformado em município, a comunidade aqui já fazia. Nós pertencíamos à Santa Luzia, mas enquanto distrito de Santa Luzia, já era um curato, já era uma paróquia, e já existia essas manifestações culturais.

- *E as folias de reis, também eram de alguma comunidade maior...?*

- Ah, maior! Também a gente perde isso, porque vem passando de pais pra filhos, e a gente vê que jamais...têm integrantes da folia, que eles já participam mais de 50 anos. Então, como participantes, já herdaram isso dos pais, por sua vez, já herdou dos avós. Então também num tem uma data precisa. Agora, o bando do Judas, a gente pode precisar mais. É tipo 60 anos, 70 anos, porque a gente sabe que quem iniciou aqui foi um padre, o Padre Messias que até dá o nome a nossa fundação. Foi um padre avançado pra sua época, que enquanto a igreja abolia de certa forma algumas comemorações, por exemplo, bando do Judas, dava uma conotação; a igreja escondia essas manifestações, e ele saía com os mascarados pra rua, com música, com um toque mais musical, mais voltado pra música de raiz e tudo, acompanhando o Judas. Agora a Dona Sabina, que foi uma invenção mais recente. A Sabina sai com o Judas. É o senhor aqui de uma comunidade rural – Capão Clemente – Seu Zé Barbosa; ele era festeiro, casamenteiro por natureza. Então ele achava que todo mundo tinha que casar, todo mundo tinha uma namorada, todo mundo tinha que ter um par. E ele era meio indignado que Judas não tinha uma companheira, e ele resolveu fazer uma companheira pra ele – “eu vou sair com a companheira do Judas” – e deu o nome a ela de Sabina e pôs Dona Sabina. Então tem mais

de 30 anos que a Dona Sabina já incorpora a festa do Judas. Então ela também acompanha, ela também paga pelo erro do Judas. Vai queimada, tem o testamento, vai pra praça pública. Tem o grupo de mascarado que a acompanha. Então é mais recente, mas hoje já faz parte da nossa história.

- *E o bando do Judas, ele sai pra queimar o Judas no Domingo de Páscoa.*

- Domingo de Páscoa. Antigamente já foi no sábado, mas por deferência da própria igreja. A igreja entende hoje que o romper das aleluias, de Páscoa, é o domingo, então voltou a queima do Judas para o domingo. Sendo que em algumas comunidades nossas, do interior, comunidades menor, nós ainda temos a tradição da queima no sábado, onde a influência do padre, da igreja foi menor, pela distância, então conservou o sábado, onde ela era mais pontual, mais próxima, que é a cidade, passou pro domingo.

- *De todas essas manifestações, ofícios e saberes que você citou pra gente, qual é a importância, disso tudo que você mencionou, pros moradores da cidade de Jaboticatubas? Qual a importância que você percebe?*

- Olha, eu sinto que os jaboticatubenses têm um orgulho muito grande da cultura do município, e que principalmente na hora que você vai mais pro meio rural, o pessoal tem uma devoção muito grande de tá fazendo determinados ritos. Pra eles é uma razão quase de vida, aquilo é incorporado, faz parte da vida, eles deixam o que tiver que tão fazendo pra acompanhar uma folia, pra participar de uma reza que é tradicional, pra fazer uma dança da capina, um João-do-mato. Então esse tipo de vivência é a vida deles, incorpora o dia-a-dia deles. Então eu acho que é muito importante pra manter essa comunidade unida, pra não ter esse êxodo rural. Eu acho que manter as comunidades pacíficas, voltadas pra essa parte cultural, sem tá voltada pra questão de drogas, pra essas outras questões, do mundo em si, do mundo fora, é importante essa preservação.

- *Aí você pontuou mais, considerou mais os moradores da área rural. E os moradores urbanos?*

- Olha, os moradores urbanos, eles vêm mais como espectador, a não ser por exemplo, os cortejos, a Festa do Rosário, Festa do Divino, que já é uma festa bem urbana. Mas os outros, eles vêm como uma manifestação rural que vem pra cidade, ou então que sai a pessoa da cidade, que vai pra lá, que ela é nossa, que é da população, mas que é bem característica da população mais simples, da população que tá no meio rural. Mas ela é mais valorizada, a gente sente o respeito muito grande da população pelas diversas manifestações culturais do município.

- *E como que você percebe que esses bens são produzidos e reproduzidos, em questão de sustentabilidade, como que eles se mantêm ao longo desses anos: 100, 150...?*

- Olha, é a força da tradição mesmo, a força da criação, da família, porque a família ainda é uma instituição muito forte dentro do município, então tem esse núcleo familiar forte, que é o que faz essas manifestações perdurarem, ao meu ver. Porque quando alguém isoladamente quer manter, você não consegue; mas quando você tem um núcleo mais forte, que é o núcleo familiar, que apóia aquela manifestação que acompanha seus integrantes, então você tem uma encomendação das almas, por exemplo, que é basicamente masculina. Mas as mulheres apóiam, as mulheres lavam a roupa, acompanham, elas valorizam. Então esse vínculo familiar de valorização, acho que faz essas manifestações perdurarem, sabe, eu entendo muito disso. E também, eu acho que, em sendo um município muito grande, onde a área rural é grande, então eu acho que também essa distância, essa falta de acesso a muitas outras atividades, faz com que eles valorizem aquilo que eles têm e participem mais ativamente, gostem, seja seu lazer, seja sua manifestação forte na localidade.

- *Algum outro aspecto que você queria mencionar...?*

- Nós tivemos também um tempo, que eu senti há vinte e tantos anos atrás, quando a televisão ficou mais forte, começou a popularizar, ela chegou e começou a popularizar, inclusive pro interior. Então nós sentimos que começou a ter aquele receio, um certo distanciamento do pessoal que eles não queriam contar, que eles participavam dum grupo folclórico, que eles dançavam, que eles faziam determinadas manifestações. Então eu acho que quando foi criada a Fundação Municipal, que teve um papel de fomento, de divulgar no sentido de mostrar a importância. Então na hora que eles sentiram que eram importante, que vinham um “Fantástico” cobrir, que tinha um pessoal de fora que vinha fotografar, que vinha gente ver, que valorizava, que estava sendo valorizado, que eles voltaram, retornaram pras tradições. Então essa valorização por parte da população, acho que ela foi essencial pra preservação. Que eles hoje sentem envergonhado, sentem valorizados por pertencer ao grupo.

- *Quando você fala “eles”, você tá dizendo...?*

- Os integrantes de vários grupos, por exemplo, o pessoal que faz encomendação das almas, o pessoal que coordena, que participa dos bandos do Judas, que participam das folias, então pra eles hoje eles têm como um orgulho; numa época que eles faziam, era mais ou menos escondido, pra eles o mercado interno da comunidade, aquela coisa toda, mas num era aberta, sabe?

- *Mas não era aberta porque eles não tinham oportunidade de uma visibilidade maior, ou porque...?*

- Teve uma época que teve isso também, um pouco de vergonha e um pouco disso também, de num ter isso também, de num ter essa visibilidade. Depois, com a conscientização, eles voltaram pro início, o que começou uma educação mais massiva, levou as escolas mais interiorizando, o transporte escolar; onde a população teve acesso à escola, que a escola começou a valorizar os integrantes das diversas manifestações, eu acho que ficou mais forte, continuou essa manutenção. Hoje os professores, nós temos incluído o nosso currículo aqui em Jaboticatubas, uma matéria de valorização da cultura popular, de estudo, de valorização, então eu acho que isso é importante para a preservação.

- E como que você percebe que essas manifestações são passadas pra novas gerações?

- Eu acho que a própria comunidade hoje tem essa percepção da importância de tá passando. A gente vê na comunidade do Mato do Tição, onde eles fazem roda de conversa pra poder tá passando pros mais novos, ensinando, fazendo oficinas, hoje nós temos pontos de cultura na comunidade, que tem como objetivo maior essa preservação e esse repasse para futuras gerações. E também uma preocupação que você tá tendo em tentar documentar as diversas manifestações, através do registro fotográfico, do registro documental de entrevistas, de vídeos; então esse tipo de preservação, alguma coisa já escrita, nós temos com um cronograma, pra poder realmente fazer o registro enquanto cultura imaterial. Mas que na hora que você tiver documentado, você tiver registrada pra você não correr o risco dela ser deturpada. Porque muita gente quer fazer da manifestação um evento cênico, então é uma coisa que a gente entra muito pra colocar – “ó, tudo bem” – filmar, tá levando, eu acho maravilhoso porque você tá levando a tradição pra outros. Mas o cuidado pra poder não deturpar e não fazer eles ensaiar e reproduzir uma coisa que vocês querem um efeito. Então eles têm que continuar dentro da tradição deles, fazer da manifestação dentro do ritual que eles fizeram sempre. Então isso aí, a própria comunidade, tá crescente essa consciência. E essa consciência, a meu ver, é o que vai fazer preservar.

- De todas as manifestações que há em Jaboticatubas, tem alguma ou algumas, que você percebe que corre o risco de deixar existir?

- Olha, têm algumas que eu tenho medo sim. De deixar porque cada vez mais, a questão, a própria segurança, e a questão das exigências que se faz, a questão dos recursos financeiros, da manutenção de algumas tradições. O pessoal, pra sobrevivência...a própria mudança de mentalidade faz com que as pessoas tenham outras necessidades maiores, que faz também ter que trabalhar mais, ter um tempo mais restrito, para dedicar às atividades. Então essa parte financeira é uma parte que me preocupa muito. De subsistência, por exemplo, folia, a pessoa ficar desde o dia 25 até o dia 06, sem trabalhar, pra poder manter uma tradição é uma coisa

muito pesada, muito difícil. Antigamente eles faziam, mas acontece, tinha uma outra exigência, por exemplo: filhos não estudavam, as exigências eram muito menores, o gasto era menor. Então eles trabalhavam pra isso, mas com essas mudanças, eu acho que é difícil. Outra questão do ponto de vista, por exemplo, de exigências burocráticas. Então você fazer, nós tivemos um incidente neste final de semana, onde nós tivemos a queima do Judas, o bando do Judas. Com uma interferência difícil da Polícia Militar, que também não deixava de ter suas razões enquanto preocupação com a segurança, mas a forma de se conduzir que os integrantes do grupo sentiram invadidos, porque o pessoal de raiz, o pessoal que tem essa tradição há anos e anos, eles fazem com o espírito desarmado, ninguém procurando, realmente uma questão de tradição e de lazer. E entra outras pessoas que não têm essa mesma preocupação, que já vem com outro espírito, num tá dentro da tradição que pode trazer um pouco de violência, porque eles são...de preocupação com a violência, nem chegou a termo de violência. Eles são mascarados, o rosto tampado, então a polícia que tá vendo a percepção pelo ângulo da segurança, eles querem que eles tirem a máscara. E eles, pelo lado da tradição, a tradição é eles estarem mascarados, então a gente tem que realmente tentar chegar num acordo. Voltar, olhar, pesquisar, pra chegar onde essa questão não vai interferir também numa tradição. As bombas, existe hoje, um laudo de corpo de bombeiro, uma planilha de corpo de bombeiro, onde se vai fazer um projeto que custa caro. O pessoal dos integrantes, eles trabalham, ou então têm dificuldade de acesso a essa parte burocrática; então, se não tiver uma entidade por trás, como aqui, no caso a JABOTUR, se dispuser a dar uma atenção maior, pelo menos pra poder fazer essa parte burocrática, que não é a parte tradicional que eles não estão acostumados com ela, que são as exigências dos tempos modernos, eu acho que corre o risco sim, do pessoal ir desgostando, ir deixando e não colocar. Eu acho que tem que ter um apoio, um incentivo do Poder Público dos gestores de cultura, dos prefeitos municipais, de todo mundo envolvido. Secretaria de Estado, Ministério, sabendo que para conservar, que vai ter que ter, destinar um pouco de recurso pra que essas pessoas possam sobreviver, quem sabe bolsa cultura, não sei, vamos pensar nesse projeto, como voltar pra escola, não teve a bolsa escola? Quem sabe, pra esses períodos de realização de evento, um auxílio, não uma comercialização do objeto da manifestação folclórica, mas uma sobrevivência deles mesmo para que eles tenham condição de manter.

- Aí voltando no caso específico do Bando do Judas, esse incidente com a Polícia Militar, isso foi a primeira vez que ocorreu?

- Foi a primeira vez.

- *Mas toda vez que o bando sai no Domingo de Páscoa, a Polícia também tá sempre presente pra...ou não? É a primeira vez que ela...?*

- Não, ela sempre, há mais de 25 anos, que a Fundação existe, a Fundação zela por isso. Porque...justamente pelo bando crescer também. Ele tem a adesão de pessoas, cada dia mais também. Nós tivemos mais de 500 mascarados, então é um número muito grande de pessoas. Agora se você não interferiu um pouquinho, não pediu o apoio da polícia pra poder olhar, o pessoal embriaga. É a tradição deles tomar cachaça em todo ponto que para, todo mundo dá, então não tem como você verificar. Então você tem que acompanhar de perto até lá, pra que não tenha violência; mas tem que ter sim esses cuidados com a segurança. E mesmo, a questão das bombas. Antigamente, eram pequenos traques, pequenas bombas de pequenos efeitos, de fabricação caseira que se colocava. E hoje vai crescendo, o pessoal vai tendo acesso a mais material, a bombas de maior porte, e tem também com isso, mesmo que não tenha, tem uma preocupação, hoje com a violência. Então você tem uma preocupação: “será que dentro daquela bomba, não teve alguém que quis sabotar, que quis fazer e que vai correr esse perigo”. Então tudo isso a gente tem que ver, pra aliar a questão da segurança, a questão da modernidade, a questão das exigências, pra que também não venha atrapalhar. Eu acho que o acompanhamento, o corpo de bombeiro mais flexível, mais voltado, interagindo com a questão cultural que é importante aqui, desde que não coloque realmente em risco a vida das pessoas, mas que eles venham com o intuito de ajudar e não com o intuito de criar problema. Eu acho que o grande problema, é que a primeira coisa é não: “não pode, não vai fazer, isso não é permitido”. Então na hora que você fala isso, você desestimula as pessoas a estarem lutando, a estar mantendo essa tradição. Agora, você chega aqui, a primeira coisa que tem que ser: “pode, como pode. Vamos descobrir como pode ser feito isso”. Pode ser feito isso com um cadarço de prego? Não sei, quem sabe é isso? Pode ser feito isso, desde a hora que a polícia vai te abordar, ou você vai mostrar para o policial e não pra população o seu rosto. Porque você não tem o que esconder, você tá ali dentro de uma tradição. Pode, desde que eu coloque bombas de pequeno impacto”. Então eu acho que as próprias corporações de Polícia Militar, de corpo de bombeiro, do pessoal que tá aí da segurança, que é importante, também tem que ter uma consciência da importância da preservação da atividade cultural e colaborar para que aconteça, com o menor impacto, com o menor risco possível.

- *Aí você mencionou a questão das folias de reis, no dia 25, no dia 06, no mundo do trabalho. Você mencionou também a questão do Judas, que sempre passa um pouco, com exigências, segurança, desse mundo moderno. Há outros exemplos, de outros grupos, que...?*

- Por exemplo, a Festa de São João que é uma festa tradicional, é uma festa centenária, onde o pessoal passa na brasa. O corpo de bombeiros tá assim – “ah, mais uma fogueira, eu não posso permitir que eles passem na brasa. Então nós temos que acabar com a manifestação, porque ela é secular, realmente passar numa fogueira fictícia não é a festa” (risos). Então nós temos realmente ter, ou que o corpo de bombeiros acompanhe, que ele esteja ali, hoje tem, antigamente não tinha; mas hoje a gente já acerca de algumas outros mecanismos de segurança, porque tem o número maior de pessoas que tá ali, que participa, pela divulgação, pela curiosidade, pela valorização, por conhecer, pela divulgação. Então cresceu o número de pessoas que já não é mais o pessoal daquela comunidade, e o próprio município cresceu, onde você tinha 2.000 pessoas no município como um todo, você tem 20.000 pessoas direto, com mas com um público flutuante grande, nos finais de semana, e nesses eventos. Então você tem uma população maior hoje, que já exige outros cuidados. Então a Prefeitura, a Fundação, tem o cuidado de tá mandando ambulância sem descaracterizar o..., você tem um evento, você tem uma fogueira, você tem um número maior de pessoas. Então você tem que ter um policiamento, você tem que ter uma ambulância, um serviço médico mas de apoio, sem interferir na realização do evento. É uma questão de segurança e de tempos atuais, mas a festa tem que ser realizada por eles. Eu num vô lá mexer, como que eles temperam uma canjica, como que eles fazem uma fogueira, como que eles levantam o mastro. Eu acho que num cabe a gente tá interferindo, nós temos que olhar como que nós podemos assegurar ali pra organizar um trânsito, um lugar de estacionar, porque primeiro era cavalo, carroça, hoje você já tem um fluxo muito maior de pessoas. Então você tem que realmente tá organizando essa parte, dando um apoio pra comunidade. Mas a festa é deles, quem organiza a festa é a própria comunidade, você num vai interferir no ritual, nos horários, na administração...você vai apenas colaborar, não tenho transporte para uma lenha, você pode tá tentando ajudar a transportar, dar um apoio, mas quem vai lá, quem enfeita, quem organizam, quem mantém é a própria comunidade. A gente tem que ter esses cuidados, para que a segurança também não seja um empecilho pra poder chegar lá: “quero mudar tudo, vocês vão fazer é assim, porque assim não pode”. Nós vamos manter, dentro de um aspecto de também manter a questão de segurança.

- *Além desses três casos, que você mencionou, teria algum outro que você gostaria de exemplificar, ou você acha que esses três contemplou?*

- Eles contemplam, mas eles também são bem abrangentes. Eles vão em quase todas as manifestações do interior, todas, têm hoje um número maior de pessoas. Então todas têm exigência de laudo, corpo de bombeiro, essas coisas. A questão de alvará, essa coisa toda, a

Fundação já colabora, olhando, fazendo os requerimentos, levando pra Prefeitura, despachando, pra poder diminuir essa parte burocrática das comunidades. Mas se a gente não verificar um modo de facilitar, alguém para ajudar, porque não acho que é tirar não! Porque se exige por questão de segurança, mas o fator facilitador pra esse pessoal...liberação de taxas, porque o pessoal já banca esses eventos culturais com dinheiro da própria comunidade. Eu ainda vou pagar mais 2.000 de um projeto de corpo de bombeiro, mas não sei quanto de taxa de polícia, de não sei-o-quê, então isso inviabiliza realmente essa questão de realização. Eu acho que nós temos que pensar e colocar a cultura, como realmente uma questão multidisciplinar, pra envolver todos os segmentos da comunidade. Que vai envolver todas as instâncias de poder, pra poder que a gente realmente consiga a colocar, porque nós todos já sabemos o recurso pra cultura é o mínimo no município, é o mínimo no estado, é o primeiro que se corta dos orçamentos. Apertou um pouquinho, a questão de infra-estrutura pesa mais, faz mais. A população cobra mais, porque tem uma consciência maior, então pra você formar a consciência que a cultura é importante. Ela também teria que tá inserida em outras esferas, e bem mais valorizada pra quem conseguisse a preservar.

- Aí esses pontos que você mencionou, de uma certa forma, acabou tocando nas dificuldades que esses grupos enfrentam pra dar continuidade a essas manifestações das mais diversas. O que também na sua percepção, pode vir deixar de existir esses grupos, ou essas manifestações. Além dessas dificuldades, que você numerou pra gente aqui ou ressaltou, ou destacou,, há outras assim mais específicas, que é relacionada à dinâmica interna do grupo, sem ser uma coisa externa...?

- Não, eu vejo mais a questão forte, que é a questão financeira também, a questão de manter, ou você fazer uma roupa nova pra você integrar. Você ter uma família grande pra você falar – “ah, eu não posso tirar isso do meu filho, pra mim poder tá fazendo, pra coisa” – acaba que vai no mesmo ciclo da cultura, vai ser o primeiro que vai se cortar. Apesar da importância que eles dão à tradição, mas entre deixar de comprar um uniforme escolar, ou um uniforme de um grupo folclórico, eles vão deixar o do grupo folclórico. Então essa ajuda material, essa proximidade maior do Poder Público com os grupos, eu acho que é muito importante. Por exemplo, o transporte dos grupos. Quando da Conferência Municipal de Cultura, nós levamos pro documento estadual, que se permitisse o ônibus que transporta os alunos, que no final de semana ele pudesse ser usado para atividade cultural, para se transportar também...um grupo folclórico vai fazer intercâmbio numa outra comunidade, uma banda de música que vai fazer um encontro de banda ou que vai tocar numa festa do interior, numa outra coisa, que utilizasse esse ônibus escolar. Porque a Prefeitura tem, ficaria mais barato, porque já tem os

ônibus, tem o motorista, você tem uma situação nova. Você teria que alocar outro ônibus, porque aquilo é exclusivo pra transporte escolar. Então, teria que ter essa interação, desde que você não prejudique o objeto principal do ônibus se descolar, que é o transporte do escolar, ele poderia ser usado pra atividades de cultura, atividades tradicionais, da cultura, reconhecida. Então, você vai fazer uma festinha ali na esquina e vai usar, mas bem usado, com o aval da Fundação de Cultura, com o aval de grupos reconhecidos, mas que a gente pudesse com isso tá dando uma força, pra que esses grupos tenham uma facilidade de difundir dentro do município, ou até mesmo fora dele. A locomoção é difícil, como disse, Jaboticatubas é um município muito grande, se a banda de música que vai tocar lá na Festa de São José da Serra, que é uma festa também tradicional, é uma festa folclórica, onde tem a tradição da banda tocar, você ter que pagar um outro transporte, ou então os músicos ter que pagar, você vai desestimulando o músico a participar, uma vez que eles tocam gratuitamente. Eles num têm um ordenado pra integrar uma banda de música. Então, se tivesse essa ponte, entre Secretaria de Educação, o Estado, a União permitindo esse uso do transporte, também pra atividade cultural, eu acho que seria um ganho enorme pra divulgação, pra preservação das atividades culturais do município.

- Tem outro ponto que você gostaria de destacar, os grupos, as relações, as festas também...você acha que têm algumas dificuldades que elas enfrentam. É mais perceptivo assim, ou...?

- As dificuldades são basicamente essas: as questões de segurança, as questões financeiras. Pra manter por exemplo, eles têm tradição numa determinada comunidade, faz uma festa, tem uma tradição se dar um almoço. Mas a tradição começou quando a comunidade tinha 50 pessoas, então e hoje, numa festa, vai 500.000 pessoas da comunidade, e eles não querem acabar com aquela tradição que é de receber bem, de dar uma comida, uma canjica na Festa Junina. Uma cachaça, uma coisa assim, então eles não querem perder aquela tradição. Isso, eles preferem às vezes não fazer a festa, do que não receber bem. “Eu tenho que ter um biscoito pra poder receber a banda de música em Alvorada; eu tenho que ter a cachaça pra mim receber a Folia de Reis que vai na minha casa; eu tenho que dar um almoço pro grupo que eram 20 pessoas”. Hoje vai 100, 200 pessoas acompanhando o grupo de folia, então as coisas vão ficando difícil do ponto de vista financeiro, de manutenção.

- E você percebe algumas soluções encontradas pra continuidade dessas manifestações, embora você mencionou algumas, na questão das parcerias entre as várias esferas do governo, além dessas parcerias...?

- Nós já buscamos algumas parcerias de forma bem informal, através do comércio, porque Jaboticatubas é um município também, não temos indústrias, coisa forte...mas alguns empreendedores dentro do município, a gente já busca esse patrocínio, mas deveria ser também facilitado um acesso, desde que comprovado, mas mais fácil para essa dedução. O processo burocrático pra você conseguir inserir tudo dentro das leis de incentivo é muito grande. Nós sabemos que somente os grandes produtores ficam com 90% do recurso. E além dos grandes produtores, é muito difícil um município pequeno ou um grupo simples. Um grupo pequeno, um grupo de raiz, um grupo bem tradicional, conseguir montar um projeto dentro do que se exige um projeto. Um projeto com metodologia, na hora que você chega lá, se não tiver a metodologia, ele tá excluído de uma vez. Então quem tem? As firmas que são já acostumadas em fazer, eles não perdem um edital, não perdem um projeto porque tem, por exemplo: a Fundação. Nós não temos um arquiteto, um engenheiro, um profissional especializado pra poder tá colocando dentro da própria conjuntura, de uma estrutura simples, que a gente vai tentar fazer um projeto. Mas ele não é competitivo com o pessoal que paga consultores renomados, consultores que vivem disso pra poder fazer esses projetos. Eu acho que a parte, principalmente de cultura popular, da cultura imaterial, deveria ter um tratamento diferenciado nessa captação de recursos pelas leis, uma facilidade, até mesmo pro pessoal, às vezes o grupo é analfabeto, como que você vai ter acesso à coisa. Se você não cadastrar, ter tal dia certo, se você não cadastrar dentro de tal molde, têm que ter tantas linhas. Então tem toda aquela parte burocrática que nós aqui na Fundação, de repente temos dificuldade de fazer. Imagine quem tá lutando. Eu acho que teria também que dar um acesso fácil aos produtores informais da cultura, que pra mim são os legítimos produtores culturais, que são quem realmente faz, quem realmente...os grandes produtores têm todos os recursos, até patrocinar um grande show. O patrocínio já vem, porque a mídia dá um retorno, ele já é fácil de se fazer. Agora este que é pra manutenção da cultura mesmo, pra preservação, ele não dá visibilidade. Então a visibilidade é com um grupo bem pequeno, ele dá uma visibilidade dentro duma campanha massiva de fundação, uma grande rede de televisão, um outdoor, então é muito difícil você conseguir esse apoio institucional, essa captação de recurso.

- Você tem algum comentário geral, ou comentários gerais, que você gostaria de colocar, alguma coisa que não foi contemplada e você queria ressaltar aqui, ou você acha que...?

- Eu tenho um comentário sim, com relação ao projeto do IEPHA, de fazer essa pesquisa da cultura imaterial, de registrar, de tá valorizando, de tá ajudando, pra não deixar apenas que o municípios às vezes, quando os municípios pequenos, às vezes como o caso do nosso e outros, não tem uma estrutura maior de uma Secretaria de Cultura, de uma Divisão de

Cultura, pra poder documentar e registrar. Então na hora que o IEPHA parte para importância do registro da cultura é imaterial, porque antigamente só se valorizava o material, o arquitetônico, então enquanto se passa pra esse tipo de registro, ele tem uma importância muito grande. Mesmo porque ele reforça a nossa atuação enquanto gestor municipal, o próprio prefeito, ele vai valorizar muito mais na hora que parte uma iniciativa de um órgão federal do que de uma iniciativa de uma assessora dele, da Secretaria Municipal, então isso reforça nosso trabalho e nos ajuda a conseguir um espaço maior junto às instâncias de poder, principalmente as instâncias financeiras da Prefeitura. Então eu acho que realmente, a gente tem que registrar, que é muito importante e que a gente gostaria de ter acesso a essa documentação, a esse registro, que nos ajudasse com isso, como um material inicial pra que a gente também pudesse fazer, considerar como registro do patrimônio imaterial, abolir de repente algumas esferas burocráticas, que você não tivesse que retomar tudo, com que o IEPHA já fez, que constasse como um patrimônio registrado, pra poder diminuir e te dar tempo de você fazer outras atividades, outras coisas dentro da campanha, dar um segundo passo após o registro, que é importante justamente pra manutenção. Então você já possa ver, pra você tá trabalhando no registro, que você esteja trabalhando na parte de busca de mais recursos, de manutenção, de outras coisas.

- *Mais alguma coisa?*

- Não (risos).

- *Obrigada, Arlete!*

- Obrigada a você.